

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

Virgínia Cardoso Silva

SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS A ATUAÇÃO DE PEDAGOGOS
EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES

Brasília, 2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

Virgínia Cardoso Silva

SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS A ATUAÇÃO DE PEDAGOGOS
EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dr^a. Shirleide Pereira da Silva Cruz.

Brasília, janeiro de 2017

Virgínia Cardoso Silva

**SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS A ATUAÇÃO DE PEDAGOGOS
EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dr^a. Shirleide Pereira da Silva Cruz.

Prof^a Dr^a Shirleide Pereira da Silva Cruz (orientadora)

Universidade de Brasília

Danielle Pamplona Xabregas (examinadora)

Universidade de Brasília

Deise Ramos da Rocha (examinadora)

Universidade de Brasília

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Irani Cardoso da Costa,
por ter prestado sua vida à minha.

*“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso!
Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus,
estará com você por onde você andar”.*

Josué 1:9 NVI

AGRADECIMENTOS

À Deus, que sabe o tempo de todas as coisas.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a. Shirleide Pereira da Silva Cruz, por ter topado encarar essa aventura comigo, mesmo que em tantas vezes tenha tido que puxar-me pelas orelhas ou ainda abraçar-me e levar no colo.

À banca examinadora, por ter dispensado tempo para contemplar este trabalho.

Ao Grupo GEPFAPE por terem me proporcionado um espaço de reflexões significativas e impagáveis.

A Prof^a Dr^a Katia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva, por ser também minha educadora inspiração.

À todos os meus colegas de graduação que me acompanharam nessa jornada, em especial minhas meninas, à Andréia Soares, Deise Rocha, Gabriella Rosa, Letícia Marinho e ao Virgílio. Não experimentei sombra de árvore e conversas mais frutíferas do que as que usufrui com vocês.

Aos meus amigos, que torceram e que acreditam mais em mim do que eu mesma. Eu nada seria sem a fé de vocês.

À minha mãe Irani Cardoso da Costa e à minha irmã Victória Cardoso da Costa, por serem meu alicerce, ser a chama que vibra em mim e me impulsionar para sonhos maiores.

Aos meus avós, Sebastião Rodrigues da Costa e Emília Cardoso da Costa, por todo carinho, afeto e dedicação.

À toda minha família, principalmente, à Maria Helena Cardoso, Dionato Rodrigues Silva e Rodrigo da Costa Silva, que tenho inestimável apreço.

Ao meu companheiro, Jefferson Silva de Oliveira, por toda compreensão e apoio.

Ao meu filho, João Gabriel e minha filha Maria Clara Cardoso Oliveira por todos os “eu te amo” e sorrisos que me fazem levantar todos os dias e desejar ser uma pessoa melhor e fazer um mundo melhor por vocês.

RESUMO:

O presente trabalho discute quais os saberes docentes necessários a atuação de pedagogos em espaços não escolares. Esta pesquisa é um recorte de um estudo realizado pelo Grupo GEPFAPE. Os dados coletados nos questionários possibilitaram a elaboração de gráficos, dos quais pudemos fazer inferências e visualizar quais seriam então esses saberes. Tivemos como referencial teórico Tardif (2002), Pimenta (1999), Gauthier (1998) e Saviani (1996). Concluimos que os saberes docentes necessários a atuação dos pedagogos em ambientes não escolares não diferem em essência dos saberes necessários àqueles que se propõem a atuar na escola.

Palavras-chave: saberes docentes, atuação em espaços não escolares, pedagogia empresarial.

ABSTRACT:

The present article discusses the knowledge necessary to the acting of teachers in non-school spaces. This research is part of a study developed by the GEPFAPE group. Graphs were elaborated from the data collected in the questionnaires and from them it was possible to infer and visualize what kind of knowledge that was. Tardif (2002), Pimenta (1999), Gauthier (1998) and Saviani (1996) were used as theoretical reference. The conclusion was that the knowledge necessary to the acting of teachers in non-school spaces do not differ from the knowledge necessary to those intended to work at the school environment.

Keywords: teachers' knowledge, performance in non-school spaces, business pedagogy

LISTA DE GRÁFICOS:

Gráfico 1: A FORMAÇÃO INICIAL OBTIDA PARA O EXERCÍCIO DE PEDAGOGO ATENDE A SUA DEMANDA DE TRABALHO? pg. 24

Gráfico 2: CITE UMA DISCIPLINA QUE JULGA MELHOR TER CONTRIBUIDO PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO DE PEDAGOGO pg. 27

Gráfico 3: PERCEBE A NECESSIDADE DE ALGUMA DISCIPLINA NÃO CURSADA PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO? pg. 28

Gráfico 4: GRAU DE SATISFAÇÃO COM AS ATIVIDADES QUE DESENVOLVE pg. 29

Gráfico 5: DIFICULDADES PARA DESENVOLVER ATIVIDADES PREVISTAS pg. 31

SÚMARIO:

Resumo	7
Abstract	7
Lista de Gráficos	8
PARTE 1	
Memorial	11
PARTE 2	
CAPÍTULO I – O que é educação? O que é pedagogia? Quem são os pedagogos?	16
CAPÍTULO II – Percurso da pesquisa	22
2.1: Produção do Grupo GEPFAPE	22
2.2: Dados da pesquisa e análise: saberes docentes necessários a atuação em ambientes não escolares	23
PARTE 3	
Considerações Finais	34
Referências Bibliográficas	37

PARTE 1

MEMORIAL

Ousaria dizer que minha relação com a educação teve origem muito antes do meu nascimento. Diria mais, que se iniciou quando meu avô, ainda tendo mais cabelos pretos que brancos em sua cabeça, decidiu que a vida que ele e a família levavam poderia ser melhor se os filhos tivessem a oportunidade, que ele não teve, de estudar. Acreditando nisso, vendeu o que tinha - o plantio, os animais e o terreno – e deixou sua cidade do interior do Maranhão rumo a “cidade grande”. Não seria exagero dizer que, em um tempo em que o trabalho com a terra era a única atividade vista como digna, alguém que apostasse em estudo não seria bem visto. E com meu avô não foi diferente. *“Me chamavam de louco, perguntavam se eu estava perdendo o juízo”*, conta ele. *“Não teve uma pessoa que tivesse de acordo com meus planos. Diziam que eu ia passar fome, que não ia ter nem o chapéu pra pedir esmola”*.

Desconfio que não tenha sido fácil a adaptação na nova cidade. Os costumes eram diferentes, as pessoas, o modo de vida. *“Passamos dificuldades, passamos até fome”*, conta meu avô sem entrar em detalhes. Pela atitude de buscar uma vida melhor, contra as expectativas de seu tempo, considero meu avô um visionário. Não só ele, mas também minha avó que aceitou arriscar e seguiu seus planos.

Mesmo que não tenha sido possível a meus tios somente estudar, tiveram que trabalhar para ajudar no sustento da casa, eles aproveitaram a oportunidade dada por meu avô de melhoria de vida e deram prosseguimento nos estudos.

Quando a “cidade grande” passou a não comportar mais os sonhos da minha família, foi a vez de meus tios, um a um, migrarem para Brasília, a capital da esperança. Esperança em uma vida menos árdua, com mais recursos, com mais oportunidades.

A minha geração na família não precisou migrar para outra cidade em busca de melhores condições de vida. *“Vocês já nasceram em berço de ouro”*, diz minha avó referindo-se a nós – eu e meus primos. Estudamos em boas escolas; não precisamos trabalhar para nosso sustento; tivemos a oportunidade de fazer cursos diversos, danças, línguas. Inegavelmente, usufruímos de uma qualidade de vida proporcionada pelo esforço e pela aposta nos estudos da

geração anterior a minha, que ocupam cargos de chefia em Tribunais, Ministérios, Associações. Servem-nos de exemplo. Não nos deixa dúvidas que o clichê “estudar para ser alguém na vida” se faz, muitas das vezes, verdadeiro.

Na busca por “ser alguém”, ainda por obrigação e não conscientemente, iniciei minha carreira escolar aos quatro anos em uma escola pública no Núcleo Bandeirante/DF. Como tive o impeditivo de não poder ser alfabetizada ainda por não ter a idade mínima exigida, minha mãe me retirou da escola e matriculou-me em uma particular. *“Quando matriculei a Virgínia, ela fez um ‘testeinho’ e a freira disse que ela não ia conseguir acompanhar a turma. Depois me chamou na escola e me deu parabéns porque ela tinha surpreendido a todos”*, conta minha mãe, orgulhosa.

No decorrer dos anos segui apaixonada pela escola, onde fiquei até concluir o ensino médio. Estudei do 1º ano, antigo 3º período, até o 3º ano do Ens. Médio nessa escola, tradicional na cidade de Sobradinho/DF, mantida pela Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade.

Particpei de campeonatos de handball defendendo a escola. Ganhei corrida em minha categoria em campeonato interno e também em um concurso de redação. Estava sempre entre os melhores alunos. Participativa, mas pouco questionadora. Participava das atividades propostas pela escola, mas nunca me posicionava de forma a questionar o ensino que estava recebendo.

Acredito ser de suma importância citar, à época, minhas atividades culturais além da escola. Sempre tive acesso a livros, desde clássicos literários a quadrinhos; desenhos animados; muitos filmes no cinema; algumas peças de teatro infantis; computador com internet, televisão (mesmo que sua contribuição seja questionável), vídeo-games, viagens. E também, interação com outras crianças, da família, em Colônia de férias, vizinhos em brincadeiras de rua. Sendo assim a minha memória educativa não se restringe ao ambiente escolar, extrapola os limites dos muros das escolas pelas quais passei, perpassa pela minha família, minha rua, minha vizinhança. Indiscutivelmente, a escola é minha principal memória educativa, mas não a única.

Entre para o corpo discente da Universidade de Brasília – UnB em 2009 pelo Vestibular tradicional. Antes, cursei dois anos de direito em Instituição privada, UDF, realizando o trancamento após um semestre cursando ambas.

Muitos ficaram surpresos quando optei pela pedagogia ao invés de direito. Lembro-me que o curso em Instituição privada sufocava nosso orçamento familiar, e, mesmo que minha mãe nunca tivesse ao menos comentado comigo a respeito disso, eu percebia.

Ao término do 3º ano do Ensino Médio eu tinha três opções de curso: direito, pedagogia e história. Por fim, diante de minha reprovação nas duas formas de ingresso na Universidade, no PAS – Programa de Avaliação Seriada e no vestibular tradicional, me vendo tendo que cursar em uma particular optei por direito, acreditando que teria o melhor retorno futuramente. Após dois anos, com a proposta de que seria a última vez que minha vó pagaria a inscrição do vestibular da UnB, fiz a prova e fui aprovada.

Minha adaptação na Universidade não foi fácil. Sair de um ambiente em que as pessoas vestiam sua melhor roupa para ir à Faculdade, estudavam em cadeiras acolchoadas, salas climatizadas e com todos os livros indicados em sala disponíveis em grande quantidade na Biblioteca para um ambiente em que as pessoas estudavam no chão da praça, iam com sua roupa mais confortável, tinham aula em salas que apesar de terem ar-condicionado este não funcionava, foi um choque muito grande.

Recordo-me de ir de calça jeans e sapato e algumas colegas perguntarem pra onde estava indo, estranhando “tanta arrumação”. Quando eu me adaptei ao “estilo de viver UnB” foi a vez de minha família estranhar eu sair de casa de short e chinelo para a Universidade.

As diferenças não se restringiram ao vestir, mas também a forma como as aulas eram dadas, as leituras propostas, as reflexões que eram feitas, a disponibilidade de livros na Biblioteca, o ambiente de estudo e convivência. Descobri o prazer dos Sebos; dos almoços no Restaurante Universitário – com sucos que apesar de terem cheiro de abacaxi, tinham cor de uva, mas na verdade eram de maçã; dos seminários que eram preparados em grupo, embaixo de alguma grande árvore do Campus; das sonecas, nos intervalos das aulas, em cangas esticadas pelo gramado e tantas outros momentos que, não hesitaria em dizer, só me foram possíveis por estar na UnB.

Apesar da rica experiência que tive, sinto que não aproveitei tudo que poderia. Por conta do estágio que cumpri por dois anos, no INSS – Instituto Nacional do Seguro Social, tive que rejeitar algumas disciplinas ofertadas no

período da tarde, o que diferenciou a minha grade das colegas mais próximas. No começo de minha caminhada discordava dos professores, questionava e não era bem vista. Tentando ser mais política, deixei de ser “inconveniente” e comecei a passar despercebida, regular, apenas telespectadora das aulas. Não acredito que o saldo por essa minha atitude tenha sido positivo, mas foi o que acreditava ser o melhor a fazer.

Tive professores dedicados, professores incoerentes, professores descompromissados, professores apaixonados pelo que fazem e que deixavam isso transparecer. Todos tiveram sua contribuição em minha formação. Por minha experiência com eles, percebi como gostaria de ser e como não gostaria.

Em minha caminhada, pelo extenso campo que se apresenta à Pedagogia, encontrei uma professora que, definitivamente, me ajudou a decidir por onde caminhar. Cursei a disciplina Projeto 2 com ela e desde então, apaixonada pela profissional que é, venho seguindo seus passos. Cursei de Projeto 2 a Projeto 5 com ela e por mim, nossa caminhada não findaria com o término de minha graduação. Minhas colegas mais próximas e eu constituímos um Grupo de estudos juntamente com essa professora, que é inspiradora, e, inegavelmente, será um espelho em minha profissão.

Encontrava-me em regime de exercícios domiciliares por conta do nascimento de meu primeiro herdeiro. A fim de que esse acontecimento não me afastasse ainda mais do fluxo regular, havia optado por cursar cinco disciplinas optativas. Se pudesse retornar, teria optado pelo trancamento, não tinha ideia de como é desgastante a rotina com a chegada de um bebê.

Desde esse acontecimento, não consegui prosseguir regularmente com o curso, tendo sido jubilada e após solicitação de reintegração, retornei a Universidade tendo que cumprir a condição de conclusão do curso nesse último ano de 2016. Como diz minha mãe, já tendo meus dois diplomas de mãe, que são meus dois bebês, agora busco o diploma de pedagoga.

Não enxergo a conclusão de minha graduação como o fim de minha jornada estudantil, e sim como mais um passo no intrigante e delicioso caminho da aprendizagem.

PARTE II

CAPÍTULO I - O que é educação? O que é pedagogia? Quem são os pedagogos?

Ninguém escapa da educação. Já dizia o antropólogo Carlos Brandão (1981, p.7), e prossegue: Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender- e - ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações?(...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação: a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor, o ensino escolar não é a única prática, e o professor não é o seu único praticante.

Libâneo (1998) diz que há, de fato, uma tradição na história da formação de professores no Brasil segundo a qual pedagogo é alguém que ensina algo. Essa tradição teria se firmado no início da década de 30, com a influência tácita dos chamados pioneiros da educação nova, tomando o entendimento de que o curso de Pedagogia seria um curso de formação de professores para as séries iniciais da escolarização obrigatória.

Ora, ensino se dirige a crianças, então quem ensina para crianças é pedagogo. E para ser pedagogo e instruir crianças, é preciso fazer um curso de Pedagogia. O fato de o objeto de estudo do pedagogo ser a educação não implica diretamente que isso ocorra somente no espaço escolar e que esse profissional seja o único responsável por ela. Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, na escola. De modo que não podemos reduzir a educação ao ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino. (LIBÂNEO, 1998)

Desse modo não podemos reduzir a educação ao ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino. Saviani preconiza que a Pedagogia tem íntima relação com a teoria da prática educativa. Salienta que na verdade o conceito de Pedagogia se reporta a uma teoria que se estrutura a partir e em função da prática educativa. A pedagogia, como teoria da educação, busca equacionar, de alguma maneira, o problema da relação educador-educando, de modo geral, ou, no caso específico da escola, a relação professor-aluno, orientando o processo de ensino e aprendizagem. (SAVIANI, 2001, p. 102).

Assim, o curso de Pedagogia se destina a formar um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos, para atender demandas socioeducativas de tipo formal, não formal e informal decorrentes de novas realidades, tais como novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação do lazer, mudanças nos ritmos de vida, sofisticação dos meios de comunicação. (TARDIF, 2002)

Para delinear de forma mais precisa o que é pedagogia é necessário refletir sobre quem, então, pode ser chamado de pedagogo?

O pedagogo, como cita Libâneo (1998) é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

Libâneo (1998) pontua três tipos de pedagogos, sendo eles: pedagogos lato sensu, já que todos os profissionais se ocupam de domínios e problemas da prática educativa em suas várias manifestações e modalidades; pedagogos stricto sensu, como aqueles especialistas que, sempre com a contribuição das demais ciências da educação e sem restringir sua atividade profissional ao ensino, trabalham com atividades de pesquisa, documentação, formação profissional, educação especial, gestão de sistemas escolares e escolas, coordenação pedagógica, animação sociocultural, formação continuada em empresas, escolas e outras instituições; e pedagogos ocasionais, que dedicam parte de seu tempo em atividades conexas à assimilação e reconstrução de uma diversidade de saberes.

A Pedagogia se ocupa do ato educativo; interessa-se pela prática educativa, fazendo parte da atividade humana e da vida social do indivíduo. A

educação é prática humana e social, que transforma os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, dando a configuração a nossa existência humana individual e coletiva. São essas transformações que constituem o objeto de estudo da Pedagogia. Libâneo esclarece também que isso acontece pela comunicação, experiência acumulada, saberes e modos de agir construídos e acumulados pela humanidade e pela cultura transformada em patrimônio do ser humano.¹

É necessário definir o pedagogo especialista para distingui-lo do profissional docente. Ainda conforme Libâneo (1998), para isso há de fazer uma distinção entre trabalho pedagógico (atuação profissional em um amplo leque de práticas educativas) e trabalho docente (forma peculiar que o trabalho pedagógico assume na escola). Caberia, também, entender que todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas que nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente. Entendemos a docência e o trabalho docente como processos e práticas de produção, organização, difusão e apropriação de conhecimentos que se desenvolvem em espaços educativos escolares e não-escolares, sob determinadas condições históricas. Nesta perspectiva, o docente é definido como um sujeito, em ação e interação com o outro, produtor de saberes na e para a realidade. A docência define-se, pois, como ação educativa que se constitui no ensino-aprendizagem, na pesquisa e na gestão de contextos educativos.

O curso de pedagogia, no percurso de sua existência, talvez pela própria amplitude da área que o denomina, foi se moldando aos interesses hegemônicos dos projetos educativos vigentes. A opção histórica que faz sentido configurar neste momento é aquela que resulta de um trabalho de mediação que não apenas contemple uma discussão conceitual, mas também a complexidade histórica do curso e sem papel no encaminhamento das questões educacionais. (SCHEIBE; AGUIAR, 1999)

¹LIBÂNEO, J.C.; PIMENTA, S. G. Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de pedagogia. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 130, p. 63-97, jan./abr. 2007

Há uma diversidade de práticas educativas na sociedade, e em todas elas, desde que se configurem intencional, está presente a ação pedagógica. A contemporaneidade mostra uma "sociedade pedagógica" (Beillerot, 1985), revelando amplos campos de atuação pedagógica.

. A pedagogia vem abrindo novos horizontes de trabalho para os profissionais da área que vão além do universo escolar, gerando sua inserção também no espaço das organizações. (OLIVEIRA, 2012, p.2) Vem se fazendo necessário pensar a educação além dos muros da escola, acontecendo em vários espaços como hospitalar, recreativa e empresarial, por exemplo. Afirmando uma concepção de educação humanizadora, emancipadora, em um sentido mais amplo.

LINDQUIST (2004) diz que o Pedagogo passou a ser chamado para atuar na empresa no final da década de 60, início de 70. Esse período foi muito influenciado pela tecnocracia. Nesse momento, o papel da educação era contribuir para a aceleração do desenvolvimento econômico e do progresso social. Os princípios da racionalidade, eficiência e produtividade foram transportados da economia para a educação, de modo conciliatório com a política desenvolvimentista. A concepção de educação que predominava trazia consigo a ideologia desenvolvimentista, fundamentada nos princípios da Teoria do Capital Humano, muito presente no cenário nacional, respaldando políticas e ações que visavam o aperfeiçoamento do sistema industrial e econômico capitalista. Ainda segundo LINDQUIST (2004):

O Pedagogo é o agente educacional da empresa, sua função é a concretização da educação dentro dos interesses empresariais de cada momento específico. Sendo assim, é dentro do contexto da empresa flexível, dos programas de controle do processo de trabalho, do modelo das competências que o Pedagogo se estabelece na empresa como um profissional que agrega valores, pois juntamente com outros profissionais (...) educa e forma o trabalhador dentro das perspectivas empresariais atuais.

Vale ressaltar, como cita Oliveira (2012) a Pedagogia na Empresa caracteriza-se como uma das possibilidades de formação/atuação do pedagogo bastante recente, especialmente no contexto brasileiro.

Segundo Holtz, (1999, p.6, apud OLIVEIRA, 2012, p.6) tanto na escola quanto na empresa, a pedagogia, age em direção a realização de ideias e

propósitos predeterminados com o intuito de promover mudanças nos comportamentos das pessoas. “A esse processo de mudança provocada no comportamento das pessoas em direção a um objetivo chamamos de aprendizagem e aprendizagem é a especialidade da Pedagogia”

Conforme Oliveira (2012) em parâmetros gerais, o pedagogo empresarial, de forma consciente e competente, trabalha para proporcionar um ambiente produtivo, elaborando projetos, formulando hipóteses que visem a melhoria dos processos da empresa, garantindo a qualidade do atendimento, contribuindo para instalação da cultura institucional e da formação continuada de seus empregados, difundindo conhecimento e, assim, exercendo o seu papel de educador. Sua atuação não se resume a conduzir dinâmicas de grupo e preparar material de treinamento, enxergando apenas uma necessidade imediata, é um trabalho muito mais cuidadoso por que favorece a humanização dentro da empresa e lida com o capital humano da empresa (aqueles que trabalham nela e a fazem funcionar por meio da educação, perícia e experiência).

De acordo com Ribeiro (2010, p. 13, apud OLIVEIRA, 2012, p.7) “A pedagogia empresarial se ocupa basicamente com os conhecimentos, as competências, as habilidades e as atitudes diagnosticados como indispensáveis/necessários à melhoria da produtividade”.

Libâneo (2002) diz que os indivíduos se deparam ao longo da vida com diferentes formas de aprendizagem, sendo elas:

- Aprendizagem formal: claramente estruturada, propiciada por entidades que pertencem ao chamado sistema formal de educação e treinamento, reconhecido por entidades governamentais, oferecendo certificação;
- Aprendizagem não formal: visivelmente estruturada, propiciada por instituição que não pertencem ao chamado sistema formal de educação e treinamento, como associações, ONGs e a própria empresa;
- Aprendizagem informal: que acontece em lugares não estruturados para

esse fim; ela ocorre ao longo de toda a vida, adquirida através de contatos pessoais, observação de situações, uso do computador, etc.

Conforme Azevedo (2011) no ambiente empresarial, dessa forma, podemos considerar a aprendizagem como não formal. Apesar de não pertencer a um sistema formal de educação, acaba tendo características visivelmente estruturadas, tendo no seu desenvolvimento, planejamento, objetivo e avaliação que a tornam bem próxima da aprendizagem formal, deixando de sê-la somente pelo fato de não ocorrer dentro dos muros da escola, de uma instituição de ensino.

Segundo Holtz, (2006) uma empresa sempre é a associação de pessoas, para explorar uma atividade com objetivo definido, liderada pelo empresário, pessoa empreendedora, que dirige e lidera a atividade com o fim de atingir os objetivos também definidos. Diante deste contexto, conforme Oliveira (2012) o Pedagogo Empresarial está inserido auxiliando no desenvolvimento das competências e habilidades de cada indivíduo, para que cada profissional saiba lidar com várias demandas, com incertezas, com várias culturas ao mesmo tempo, direcionando o resultado positivo num mercado onde a competição gera mais competição. Diz ainda que, em suma, é de essencial importância ratificar que a Pedagogia Empresarial existe para dar suporte tanto em relação à estruturação das mudanças quanto em relação à ampliação e à aquisição de conhecimento no espaço organizacional. Conforme LOPES (2006, p.74, apud OLIVEIRA, 2012, p.9) o Pedagogo Empresarial “promove a reconstrução de conceitos básicos, como criatividade, espírito de equipe e autonomia emocional e cognitiva”.

Capítulo II – Percurso da pesquisa:

Esse capítulo mostra a metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa. Parte desse processo ocorreu durante a realização do projeto 3, disciplina relacionada à pesquisa no curso de pedagogia. Este trabalho foi feito pelos integrantes do Grupo GEPFAPE, cabendo a mim o recorte que está registrado a seguir.

2.1: Produção do grupo GEPFAPE:

A pesquisa realizada teve suas raízes no trabalho do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Atuação do Pedagogo – GEPFAPE. O Grupo, criado em 2010, se encontra vinculado a Faculdade de Educação da UnB - FE e ao Departamento de Planejamento e Administração – PAD. Se dedica a investigar os múltiplos determinantes na constituição dos campos histórico-político e prático da formação de professores no DF, bem como no Brasil, compreendendo diferentes concepções norteadoras da formação, das práticas e projetos educativos voltados para o processo de profissionalização e profissionalidade. O GEPFAPE no conjunto de seus estudos aborda as temáticas: identidade, trabalho docente, profissionalização, políticas públicas, gênero, formação de professores, função docente e formação continuada.

Esta pesquisa é um recorte de um estudo que nasceu da necessidade urgente de compreender a atuação do pedagogo frente às reformas educacionais implantadas no Brasil a partir da década de 1990 revelando as dificuldades e avanços no exercício profissional do pedagogo. Inicialmente constituído de quatro etapas: a primeira foi uma revisão bibliográfica sobre o objeto, a segunda foi a elaboração e aplicação de questionários, a terceira foi a elaboração e aplicação de entrevistas e a quarta fase foi a análise final e divulgação dos resultados.

Vamos nos restringir a segunda fase desse estudo já que contempla a questão proposta nesse trabalho e serviu de insumo para o mesmo.

2.2: Dados da pesquisa e análise – Saberes docentes necessários a atuação em ambientes não escolares:

Os dados coletados nos questionários possibilitaram a elaboração de gráficos sobre os saberes necessários a atuação de pedagogos em espaços não escolares. Mesmo que na elaboração dos questionários não tenhamos apontado explicitamente, tal como traz a literatura que define quais são esses tipos de saberes, podemos fazer inferências e visualizar quais seriam então os saberes necessários a atuação de pedagogos em espaços não escolares. É importante lembrar que as deduções desse estudo foram feitas à luz de Tardiff (2002), Gauthier (1998), Saviani (1996) e Pimenta (1999).

Para Pimenta (1999) os saberes da docência são compostos por: saberes da experiência – formados na atuação profissional, na interação com os alunos e com outros professores; saberes do conhecimento ou científicos – específicos das áreas do conhecimento; saberes pedagógicos - desenvolvidos na formação, e envolvem os saberes sobre a educação e sobre a pedagogia.

Para Tardif (2002) os saberes docentes são constituídos por: saberes experienciais - desenvolvidos na prática, no exercício das funções de professor; saberes curriculares - objetivos, métodos e conteúdos estabelecidos pelos órgãos competentes; saberes disciplinares - ligados aos campos de conhecimento específicos, independentes dos cursos de formação; e os saberes profissionais - os da formação, ligados às ciências da educação.

Os saberes ligados ao trabalho são temporais, pois são construídos e dominados progressivamente durante um período de aprendizagem variável, de acordo com cada ocupação. Essa dimensão temporal decorre do fato de que as situações de trabalho exigem dos trabalhadores conhecimentos, competências, aptidões e atitudes específicas que só podem ser adquiridas e dominadas em contato com essas mesmas situações. (TARDIF, 2002, p.58)

Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pela amalgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais. (TARDIF, 2006, p.36)

Dos cem questionários aplicados foram selecionados 33, somente aqueles em que os respondentes afirmaram não trabalhar em ambiente escolar.

No Gráfico 1 vemos que nenhum dos respondentes afirmaram que sua formação inicial atendeu à demanda de seu trabalho de forma totalmente satisfatória. Ao contrário, com uma margem bem pequena de diferença, responderam ser insuficiente ou ainda pouco suficiente. Mesmo que a maioria tenha respondido que sua formação inicial atende a sua demanda de trabalho somando os dados de insuficiente e pouco insuficiente demonstra-se que fica com uma quantidade acima da de suficiente.



Sendo assim, considerando que a formação inicial corresponda aos saberes da formação profissional, ou seja, “conjunto de saberes transmitidos pelas instituições” responsáveis por sua preparação profissional - escolas normais, institutos e faculdades de ciência da educação, conforme formulação de Tardif, Lessard e Lahaye (1991), estes saberes reportam-se, por um lado, a determinados conhecimentos que “não auxiliam diretamente o docente a ensinar, mas o informam a respeito de várias facetas ligadas a sua ocupação ou educação em geral” (GAUTHIER, 1998, p.7). E por outro lado também são constituídas por “doutrinas ou concepções produzidas por reflexões racionais e normativas sobre a prática educativa , denominadas de saberes pedagógicos. (Tardif, Lessard e Lahayne, 1991, p.219). Assim, se os respondentes indicam que os saberes da formação inicial foram insuficientes vemos que provavelmente os cursos vivenciados parecem não reconhecer o que preconiza-se nas

Diretrizes com a articulação da base da docência, a gestão e a pesquisa também em ambientes.

Tais saberes, reconhecidos ainda por Saviani (1996) e Pimenta (1999), são responsáveis tanto pelo fornecimento de um arcabouço ideológico à atividade docente quanto por formas de saber-fazer. Portanto, os saberes pedagógicos “fornecem a base de construção (...) na qual se define a identidade do educador como profissional distinto dos demais profissionais” (SAVIANI, 1996, p.149)

A relação que os professores estabelecem com os saberes da formação profissional se manifesta como uma relação de exterioridade: as universidades e os formadores universitários assumem as tarefas de produção e de legitimação dos saberes científicos e pedagógicos, ao passo que aos professores compete apropriar-se desses saberes, no decorrer de sua formação, como normas e elementos de sua competência profissional, competência essa sancionada pela universidade e pelo Estado. (TARDIF, 2002, p.41)

O questionamento levantado ainda por Tardif (2002) de que as relações dos professores com os saberes possam parecer problemáticas talvez por que essas mesmas relações sempre implicam, no fundo, uma certa distância – social, institucional, epistemológica – que os separa e os desapropria desses saberes produzidos, controlados e legitimados por outros. Nos leva a questionar a formação, mais ainda, a qualidade da formação desses pedagogos. Profissionais que se formam e estando aptos a atuar no mercado de trabalho, tendo as empresas como um dos ambientes em que podem atuar, afirmarem que essa mesma formação que os permitiu estarem onde estão não se fez suficiente para atender a essa demanda de trabalho. Não considero aqui a possibilidade de aprimoramento e melhoria da formação (que é louvável), mas atendo-me somente a formação inicial. Esbarramos em vários pontos como a não “obrigatoriedade”/possibilidade de se tornar pesquisador durante a graduação e tomar alguma apropriação e afinidade com o conhecimento que é produzido e que está sendo pensado, investigado; e ainda, de forma mais genérica, com o não aprofundamento e melhor esclarecimento de quais são os caminhos que os pedagogos podem trilhar em sua carreira de trabalho, quais os locais em que

podem atuar e de que forma. O processo educativo é amplo, não se restringindo ao espaço escolar. Contudo, podemos perceber que o discurso dos professores e as disciplinas oferecidas formam pedagogos para atuar como docentes, tendo a escola como campo prioritário de atuação, quando sabemos que existem outros espaços e outras demandas como as empresas públicas e privadas. Não descarto nenhuma dessas colocações para endossar o questionamento acima colocado por Tardif (2002) e acredito que a resolução desse possa se dar, inicialmente, aprimorando os pontos apresentados.

No Gráfico 2 vemos que os respondentes, em sua maioria, apontaram como disciplina que julgaram melhor ter contribuído para o exercício de sua função de pedagogo, a Didática. Seguido de Fundamentos da Educação como apontado por 4 deles; logo após, como apontado por 2 respondentes cada, Estágios, Sociologia da Educação e Psicologia do desenvolvimento humano. Foram ainda apontadas disciplinas como Atividades lúdicas, Projetos de extensão, Pedagogia empresarial, Introdução a educação, entre outros, como podem ser vistos no gráfico abaixo:

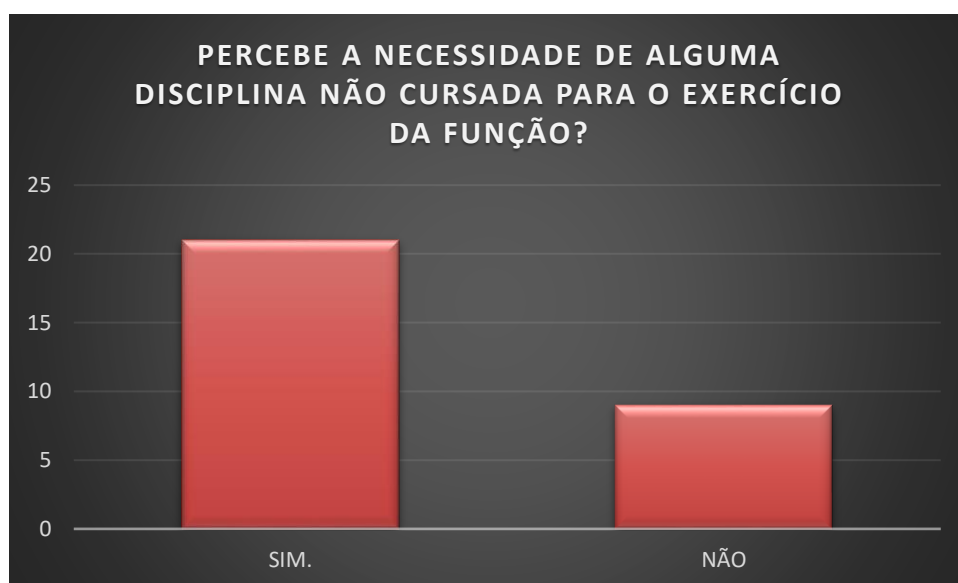


Apreciando esse Gráfico verificamos que os saberes disciplinares, produzidos socialmente, estão presentes, configurados como disciplinas tais como foram apontadas.

Nomeados por Saviani (1996) como “saberes específicos”, não são produzidos pelo docente, mas este retira daí o saber necessário ao ensino. Este fato se expressa, concretamente, pela asserção quase universal de que para ensinar é preciso “conhecer a matéria”, pois “ensinar exige um conhecimento do conteúdo a ser transmitido, visto que, evidentemente, não se pode ensinar algo cujo conteúdo não se domina” (GAUTHIER, 1998, p.6) Isso não significa, entretanto, que ensinar seja apenas um processo reprodutivo de transmissão dos saberes elaborados por outro, isto é, de reprodução do sistema lógico da ciência. (DE FARIAS et.al., 2011, p.77) E é exatamente esse ponto que interessa a nós, já que para atuar em ambientes não escolares, o pedagogo faz uso desse

conhecimento de forma a adaptá-lo a realização de suas tarefas. Não sendo, muitas das vezes, exatamente o conteúdo aprendido, mas o uso que se faz dele.

Ainda referindo-se aos saberes específicos, o Gráfico 3, ilustrado a seguir, vem complementar toda essa teia de ideias acerca desse tema, uma vez que 21 dos respondentes a despeito de 9 deles, percebe a necessidade de alguma disciplina não cursada para o exercício de sua função.



Tardif (2002, apud, Guimarães, 2004, p.27) nos indica que “os saberes estão a serviço da ação e nela assumem significado e utilidade, tratando como indissociáveis, apesar de distintos, o elemento profissional, a prática e os saberes, que evoluem e transformam-se entre si”.

Não vamos nos ater ao motivo de tais disciplinas terem sido apontadas, conforme exposto no Gráfico 2; nem ao menos quais matérias não cursadas estariam fazendo falta para uma melhor prática dos respondentes. Não é possível mensurar a experiência de cada um deles para que tivessem tal conclusão a respeito das questões apontadas em ambos os Gráficos. Os dados nos fazem ratificar o ilustrado pelos autores, que essas disciplinas (ou a ausência delas) servem de subsídio para a prática docente ou seja, para o trabalho do pedagogo.

Podemos considerar que o Pedagogo desenvolve um saber prático frente à realidade de seu trabalho no campo extra-escolar, concebendo assim a relação entre os sujeitos e os saberes como relação dinâmica e em constante transformação, o que leva à compreensão do Pedagogo como um profissional que desenvolve um saber prático. (MELO, 2012, p.4)

Essas múltiplas articulações entre a prática docente e os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende, em grande parte, de sua capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condições de sua prática. (TARDIF, 2002, p.39)

No Gráfico 4, abaixo, vemos que 16 dos que responderam apontaram estar satisfeitos com as atividades que desenvolvem; seguido por 14 que dizem que o grau de satisfação nesse quesito está muito bom; e somente 3 dos respondentes apontaram como médio seu nível de satisfação com sua performance; nenhum a considera ruim ou ainda muito ruim.



Esse Gráfico ilustra, sob uma certa ótica, os saberes da experiência, “conjunto de saberes, de representações a partir do qual os docentes interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática em todas as suas dimensões” (TARFIF, LESSARD e LAHAYNE, 1991).

O saber da experiência é oriundo “da” e “pela” prática, conforme Tardif (2002). Esses saberes estão diretamente relacionados ao trabalho pedagógico

desenvolvido pelo Pedagogo, visto que tem origem na prática cotidiana, no confronto com as condições da profissão. Os saberes pedagógicos ou profissionais são os saberes que justificam e legitimam a presença do Pedagogo no espaço empresarial. (MELO, 2012, p.5)

Desse Gráfico podemos também inferir os saberes curriculares, aqueles que correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir das quais a instituição categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados como modelos da cultura erudita e de formação para essa cultura erudita. (TARDIF, 2002, p.38)

O nível de satisfação com o desempenho dentro de uma instituição está intimamente ligado ao quão mergulhado se está na cultura organizacional dessa empresa, no sentir-se produtor, de certa forma, e pertencente a essa cultura. A formação do pedagogo permite que tenha condições de ajudar a empresa na elaboração de sua missão, suas metas e aspirações, seus valores, sua cultura e estratégias a serem utilizadas, envolvendo funcionários e colaboradores. E o que é essa forma de trabalhar, de certa forma, se não oriunda dos saberes curriculares? A empresa, enquanto ambiente pedagógico, nos remete a ideia de parceria de pessoas efetivamente envolvidas na melhoria daquilo que fazem, enquanto equipe - com objetivos em comum - e não somente como grupo que destoam em relação às expectativas do que buscam na empresa. O pedagogo, em atividade conjunta com os outros setores(...) *busca estratégias e metodologias que garantam uma melhor aprendizagem/apropriação de informações e conhecimentos, tendo sempre como pano de fundo a realização de ideais e objetivos precisamente definidos.* (RIBEIRO, 2004).

Apresentam-se como desafios à prática desses pedagogos não somente conhecer recursos auxiliares de ensino, entender do processo de ensino-aprendizagem, saber avaliar seus programas e elaborar projetos. Vai além, o pedagogo deve ter um olhar pedagógico, filosófico, psicológico em relação aos seres humano que estarão presentes neste espaço, não os tratando como meros objetos que precisam ser moldados de acordo com o objetivo da empresa. (PADILHA, 2011)

No Gráfico 5, a seguir, vemos que quando questionados sobre quais as maiores dificuldades que enfrentam para desenvolver as atividades previstas, 13 dos respondentes apontam os recursos financeiros; os demais itens como tempo, infraestrutura, recursos materiais, entre outros foram indicados por 3 a 7 dos respondentes. Arriscaria dizer que o item apontado de forma mais expoente, que são os recursos financeiros, são empecilhos a atuação por dependerem da burocracia da máquina pública que por vezes encontra-se engessada e lenta. Os demais itens tratam de peculiaridades e deficiências de cada órgão em que atuam esses pedagogos. A saber, a aplicação dos questionários foi feita nos órgãos TCU – Tribunal de Contas da União, Eletronorte, MPU – Ministério Público da União, ENAP – Escola Nacional de Administração Pública, entre outros que dispuseram receptividade ao Grupo GEPFAPE na aplicação dos questionários.



Saviani não fala dos saberes da experiência, acredita não se tratar de um conteúdo diferenciado dos demais, mas de uma forma que pode estar referida indistintamente aos diferentes tipos de saber.

Os itens citados no Gráfico 5 são pontuados conforme a experiência e demanda de trabalho desses pedagogos. Dessa forma não se pode ignorar os saberes experienciais, mesmo que não se equipare ou ainda, o denomine, este se faz presente, é resultado da reflexão sobre a prática desses pedagogos. Os saberes experienciais surgem como núcleo vital do saber docente, núcleo a partir do qual os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relações de interioridade com sua própria prática. Neste sentido, os saberes experienciais não são saberes como os demais, mas retraduzidos, polidos e submetidos às certezas construídas na prática e na experiência. (TARDIF, 2002, p.54) A mobilização de saberes está relacionada ao domínio dos conhecimentos adquiridos pelo pedagogo e já ressignificado pelo e no trabalho pedagógico na sua realização efetiva. É no confronto com a realidade do trabalho que o pedagogo mobiliza, utiliza e produz saberes. (MELO, 2012)

PARTE 3

Considerações Finais:

Desvelamos a atuação do Pedagogo no espaço empresarial e percebemos que a sua inserção neste espaço não é recente e que encontra-se atrelada a uma lógica que permeia a cultura organizacional e a educação que se desenrola neste contexto. (MELO, 2012) A habilidade do Pedagogo em lidar com a comunicação, com a aprendizagem, e com a própria formação humana faz dele uma figura importante nas instituições. (URT, 2004)

A pedagogia empresarial se ocupa basicamente dos conhecimentos, das competências, das habilidades e das atitudes diagnosticadas como indispensáveis/necessárias à melhoria da produtividade. Para tal, (entre outras atribuições – **grifo meu**) implanta programa de qualificação profissional, produz e difunde conhecimento, estrutura o setor de treinamento, desenvolve programas de levantamentos de necessidades de treinamento, desenvolve e adapta metodologias da informação e da comunicação às práticas de treinamento. (RIBEIRO, 2007, p.11)

Segundo Lindquist (2004) os desafios lançados para o pedagogo são grandes, não se resume simplesmente em coordenar treinamentos, elaborar planos, metas, avaliar os cursos de relações humanas. As empresas querem um aliado, um representante, que convença todos os trabalhadores de que ele é uma pessoa importante para a empresa e que todos trabalhando juntos em um ambiente saudável, possam ganhar, pois o ganho acontece a partir do momento em que a parceria empresa e empregado acontece. Este é um desafio difícil porque os fatos muitas das vezes contradizem o discurso.

Embora sabemos que os objetivos da escola e da empresa não sejam os mesmos, ambos os lugares agregam pessoas para o desempenho de atividades com objetivos específicos. O líder, o pedagogo, gestor e administrador são os principais profissionais que lideram para fins educacionais. Ribeiro (2007, p.11) ressalta que:

“ [...] Cabe a pedagogia a busca de estratégias e metodologias que garantam uma melhor aprendizagem/apropriação de informações e conhecimentos, tendo sempre como pano de

fundo a realização de ideais e objetivos precisamente definidos. Tem como finalidade principal provocar mudanças no comportamento das pessoas de modo que estas melhorem tanto a qualidade de seu desempenho profissional quanto pessoal. ”

As empresas, cada vez mais, têm apostado no fator humano, pois é a associação destes que farão com que sejam alcançados seus objetivos organizacionais. Percebe-se também que a gestão de pessoas é fator primordial para tal, pois esta é a função que permite a colaboração eficaz das pessoas, ou seja, ajuda a organização a alcançar seus objetivos e a realizar sua missão, proporcionar à organização pessoas bem treinadas e motivadas, desenvolver e manter qualidade de vida, aumentar a auto realização e a satisfação das pessoas no trabalho, proporcionar competitividade à organização (empregar as habilidades e competências da força do trabalho), administrar e impulsionar as mudanças. (PADILHA, 2011)

O propósito desse trabalho não é discutir se os ambientes não escolares, sejam hospitais, ONGs, associações, igrejas, eventos, emissoras de transmissão e Empresas, são legítimos ao Pedagogo. Essa é uma questão que já está posta, os pedagogos já ocupam esses espaços. Há pedagogos que têm o compromisso com a socialização dos saberes através do ensino público e gratuito, que lutam por uma educação democrática e de qualidade, que se preocupam com a formação de futuros cidadãos atuando na escola. (URT, 2004) Porém, por não ser esse o único campo de atuação do pedagogo, há também profissionais igualmente dedicados, atuando em outros ambientes. Não devemos negar essa prática, mesmo que por muitas vezes, a escola seja apontada como campo prioritário de atuação desses profissionais.

Elucidamos essa pesquisa apropriando-nos dos conceitos sobre saberes docentes tecidos por Tardiff (2011), Gauthier (1998), Saviani (1996) e Pimenta (1999). O saber docente se compõe, na verdade, de vários saberes provenientes de diferentes fontes. (...) São os saberes (como melhor ilustrado no corpo dessa pesquisa – **grifo meu**) disciplinares, curriculares, profissionais e experienciais. (Tardif, 2002, p.33) Vimos mais: os saberes docentes necessários a atuação dos pedagogos em ambientes não escolares não diferem dos saberes necessários

àqueles que se propõem a atuar na escola. Em cada realidade, vivência e necessidade, independente do campo de atuação, o que se conclui é que o pedagogo sendo sujeito de práxis, tem a capacidade de criar e recriar o modo de estar no mundo e nele intervir. Para sua atuação, seja no campo não escolar – que é o foco dessa pesquisa – ou demais, reconhecemos que os saberes necessários são plurais, de forma nenhuma excludentes ou possíveis de mensurar em importância, pelo contrário, são complementares e fundamentais.

Conforme DE FARIAS et.al (2006) o professor, como qualquer outro ser humano, se produz por meio das relações que estabelece com o mundo físico e social. É pela ação interativa com as dimensões materiais e simbólicas da realidade social em que se encontra inserido, pelas experiências individuais e coletivas tecidas no mundo vivido que o docente intervém de modo criativo e auto criativo em sua relação com os outros e com o universo do trabalho. Enfim, ele exerce sua humanidade como ser de relação consigo (individualidade) com os outros (sociabilidade) e com o mundo em sua volta.

Não seria prolixo afirmar que o reconhecimento dos saberes apontados pela literatura que citamos tem um denominador comum: o autoconhecimento. Àquele que por diversas vezes nos referimos, o pedagogo, ao reconhecer seus limites, seus progressos, refletir sobre sua própria prática, buscar aprofundamento, conhecer a si próprio - como pertencente de uma categoria - e além, como ser humano está sempre em constante diálogo com esses saberes, mesmo que não os denominando, mas em constante vivência. Sem o intuito de findar as pesquisas sobre mais esse campo de atuação dos pedagogos, que são os espaços não escolares, permito-me acreditar que demos mais um passo nessa longa e ainda “nebulosa” jornada rumo ao conhecimento dessa área que, a cada dia mais, se mostra como oportunidade aos pedagogos.

Referências Bibliográficas:

HOLTZ, Maria Luiza M. Lições de pedagogia empresarial. SP: MH Assessoria Empresarial Ltda. 2006.

PIMENTA, Selma Garrido, e GHEDIN, Evandro (orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo, Cortez Editora, 2002

URT,S.C.; LINDQUIST,R.N.M. O pedagogo na empresa: um novo personagem nas novas formas de sociabilidade do trabalho. In: ANPED SUL, 2004, Curitiba-PR. Anped Sul. Curitiba: Editora da PUC/PR, 2004

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo na empresa. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

MELO, Ana Lúcia Braga. As práticas educativas desenvolvidas por pedagogos em espaços não escolares e os saberes profissionais mobilizados. In: ANPAE – GT: Formação e valorização de profissionais da educação, 2012.

DE FARIAS, Isabel Maria Sabino; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. Didática e docência: aprendendo a profissão. Brasília. Ed. Liber, 2011.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2002.

PADILHA, Mariluce Lima Tavares. A atuação do pedagogo em espaços não escolares: a pedagogia empresarial (TCC). Goiânia, 2011.

LIBÂNEO, J.C.; PIMENTA, S. G. Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de pedagogia. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 130, p. 63-97, jan./abr. 2007

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, J.C. " O que pedagogia, quem é o pedagogo o que deve ser o curso". In PIMENTA, Sela Garrido. Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2002

AZEVEDO, Luciana de Souza. A contribuição do pedagogo no processo de recrutamento e seleção de pessoal. (TCC) Rio de Janeiro, 2011.